

O sangue dos dias transparentes

[fragmentos]

Paulo Franchetti

Selección, versión y nota de Sofía Soares

NOVELA FRAGMENTARIA CONSTRUIDA a base de relatos breves, *La sangre de los días transparentes* habla de una manera sencilla sobre elementos de la vida cotidiana que nos provocan sensaciones instantáneas: soledad, tristeza, tranquilidad, nostalgia... Cada fragmento es el repaso de un momento dado que se puede amplificar, detener y fraccionar. Su autor, Paulo Franchetti, nos narra, sin mayores exigencias, acciones y formas delicadas, secuencias de la vida cotidiana con personajes sin nombre, expectativas que el lector comprende al dejar volar su imaginación entre las páginas. El tiempo es tratado con mesura, los detalles que se pueden perder en una pequeña narración llegan a tener mayor significación en el trascurso de los días. Aquí presentamos tres de estos relatos con su respectiva traducción.

Paulo Franchetti es crítico literario y profesor de Literatura en la Universidade Estadual de Campinas, Brasil, donde también dirigió la Editora Unicamp. Ha publicado, entre otros libros de teoría y análisis literario, *Alguns aspectos da teoria da poesia concreta* (Editora da Unicamp, 1989), *Haicais* (Massao Ohno, 1994), *Nostalgia, exílio e melancolia: leituras de Camilo Pessanha* (Edusp, 2001), *Estudos de literatura brasileira e portuguesa* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2007) y *O essencial sobre Camilo Pessanha* (Lisboa, Imprensa Nacional, 2008). Entre sus libros de poesía se cuentan *Oeste* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2008, traducido parcialmente al español en *La Colmena* núm. 74, abril-junio 2012), así como *Poesia escarnho* (São Paulo, Ateliê Editorial, 2009).

CABELOS

«Você vai ficar em casa hoje?» Ela estava lavando os cabelos e ia começar a pintá-los, quando ele perguntou. «Vou», ela disse, sem olhar para ele. «Então te vejo à noite». Deu-lhe um beijo quase sem tocá-la e saiu.

Aos sábados, jogava futebol com os amigos do clube. Ela às vezes ia junto, para tomar um pouco de sol, quando fazia tempo bom. Naquele dia, porém, não tinha vontade, estava um pouco frio.

Ouviu o carro na garagem, o portão, a aceleração até a esquina. Olhava-se no espelho. Os cabelos estavam ficando mais ralos. Perdia muitos todos os dias, quando passava a escova. O médico dissera que era assim mesmo, nada havia que fazer. No inverno cresceriam de novo: era alguma coisa relativa ao calor e ao suor.

Mas o que a incomodava é que os fios brancos cresciam em grande quantidade. Ou então eram só os castanhos que caíam. De qualquer forma, queria começar logo o tingimento.

Enquanto punha a luva de plástico, pensava como sempre na sua vida. Viviam bem e calmamente. Não terem filhos tinha sido um acordo, não uma imposição. Por certo teria gostado de crianças, como gostava dos cãezinhos. Mas não se sentira nunca preparada para ter de todos os dias lidar com aquilo. Era uma coisa para sempre, como diziam as amigas.

Tentava não pensar muito nisso, como também tentava não pensar muito no marido, nem na casa. Hoje era o dia dos cabelos. Da última vez fora à cabeleireira. Mas não tinha dado muito certo. E não se sentia bem, afinal, com aquela espécie de confissão de velhice. As amigas gostavam, como também gostavam de se mostrar as varizes, as gorduras da barriga, da bunda ou a pele do pescoço. Nunca entendera aquilo: uma competição para ver quem tem mais misérias. Era a prova da intimidade. Passado aquele momento, o que contava era a competição. E nada adiantava saber das mazelas das outras, se elas também sabiam as nossas. Era o que pensava, ao abrir o novo tubo de tintura.

Fez o ritual com atenção e com cuidado. Passava o pente no ritmo certo, espalhando a tinta por igual. Os cabelos, naturalmente ondulados, ficavam esticados, molhados, deixando ver, entre os fios arrumados pelo pente, o couro da cabeça. Contemplou a forma do seu crânio, assim modelada pelos fios molhados, e não a achou bonita. Tinha as témporas afundadas, uma elevação cônica no alto da cabeça, e a cabeça parecia mais larga no rosto do que na nuca. Por sorte, havia o disfarce dos cabelos. Até quando, era a questão. Mas sempre podia usar perucas, pensava com horror. Devem cheirar mal, dar coceiras. Sacudiu então a cabeça, como se fosse para espantar essas idéias, e viu que já era tempo.

CABELLOS

«¿Te vas a quedar en casa hoy?» Ella estaba lavando su cabello e iba a comenzar a teñirlo cuando él preguntó. «Sí», dijo ella sin mirarlo. «Entonces te veo en la noche». Le dio un beso casi sin tocarla y salió.

Los sábados jugaba fútbol con los amigos del club. Ella a veces lo acompañaba para tomar un poco de sol cuando había buen tiempo. Sin embargo, aquel día no tenía ganas, hacía algo de frío.

Escuchó el carro en el garaje, el portón, la aceleración hasta la esquina. Se miraba en el espejo. Su cabellera estaba quedando rala, perdía muchos cabellos todos los días cuando se cepillaba. El médico dijo que así sería, no se podía hacer nada. En el invierno crecerían de nuevo: era algo relativo al calor y al sudor.

Pero lo que la incomodaba era que los hilos blancos crecían en gran cantidad, o sólo los de color castaño eran los que caían. De cualquier manera quería empezar a teñirlo.

Mientras se ponía el guante de plástico, pensaba en su vida, como siempre. Vivían bien y tranquilos. No tener hijos había sido un acuerdo, no una imposición. Ciertamente le hubiera gustado tener hijos, al igual que le gustaban los perritos. Pero nunca se sentiría preparada para tener que lidiar todos los días con eso. Era una cosa para siempre, como le decían las amigas.

Intentaba no pensar en eso, como también intentaba no pensar mucho en el marido, ni en la casa. Hoy era día del cabello. La última vez había ido al salón de belleza, pero no había funcionado muy bien. Al final no se sentía del todo bien con esa especie de confesión de vejez. A las amigas les gustaba, como también les gustaba mostrarse las varices, la grasa del abdomen, del trasero y la piel del cuello. Nunca había entendido eso: era una competencia para ver quién tenía más miserias. Era la prueba de la intimidad. Pasado aquel instante, lo que contaba era la competencia. Y de nada servía conocer los achaques de las otras, si ellas también sabían los de ella. Era lo que pensaba al abrir el tubo del tinte.

Hizo el ritual con atención y cuidado. Pasaba el peine con ritmo, esparciendo la pintura por igual. Los cabellos, naturalmente ondulados, quedaban estirados, mojados, dejando ver, entre los hilos acomodados por el peine, el cuero cabelludo. Contempló la forma de su cráneo, modelada por los hilos mojados, y no la encontró bonita. Tenía los huesos temporales hundidos, una elevación cónica en lo alto de la cabeza, y ésta parecía más larga en el rostro que en la nuca. Por suerte, disfrazaba esas formas con su cabellera. Hasta cuándo, era la cuestión. Mas podía usar pelucas, pensaba con horror. Deben oler mal y dar comezón. Sacudió la cabeza como si quisiera espantar esas ideas, y reparó en que ya había acabado el tiempo.

Durante os longos minutos em que secava os cabelos, pensava no que poderia fazer. Já não queria mais ficar ali a tarde toda, esperando que ele voltasse só à noite, depois do jogo, da cerveja e do churrasquinho. Aprontou-se, modelou bem os cabelos, como se os defeitos que vira fossem evidentes para todos e precisassem de disfarce.

Entrou no carro ainda sem saber para onde ia. Acabou no shopping center, olhando as vitrines com desinteresse.

Tomou um sorvete, culpada porque ganhava peso, e desceu para o térreo, onde tinha posto o carro.

Do lado oposto, um homem vinha caminhando em ziguezague, tentando acender um cigarro. Parecia bonito, de longe, com o paletó bem cortado e a gravata flutuando no vento. Parou e ficou olhando para ele. Quando ele a viu, pareceu um pouco embaraçado. Depois, sorriu. Como ela não parasse de olhar, embora fizesse um movimento para entrar no carro, ele se aproximou e disse «Olá». Ela sorriu. Ele talvez a achasse bonita, pois perguntou se não se conheciam. Ela disse que não, mas sempre era tempo, ou ele não achava?

Voltaram para o shopping, andaram à toa entre as vitrines e ela, para o acompanhar, tomou outro sorvete. Então ele lhe perguntou se não queria ouvir música em sua casa. Era uma segunda cantada. Tão pobre e descarada, que ela caiu no riso. Ele também ria, e só ficou sério quando ela pôs a mão sobre a dele e disse «Claro, por que não? Você vai na frente e eu sigo no meu carro».

Ela sabia talvez o que estava fazendo. Pelo menos parecia decidida. Ele lhe preparou um suco, pôs um disco, e se sentou ao lado, no sofá. O jeito como o olhava era uma mistura de coisas. Quando começaram a se apalpar, ela percebeu que tremia de excitação e que lhe estava repetindo que não ia fazer nada sem camisinha. Quando, finalmente, ainda com parte das roupas, ele colocava a camisinha, ela se despiu, respirando sofregamente.

Antes que pudesse deitar-se em cima dela, ela se pôs de quatro, e foi assim que fizeram a primeira vez. Com o rosto no chão e as mãos estendidas para a frente, ela ficou praticamente imóvel enquanto ele a empurrava com o corpo para a frente e a puxava pelas ancas para trás.

Depois, sobre ela, quando acabava pela segunda vez, ele deve ter podido ver que ela não tinha expressão alguma. Só respirava profunda e rapidamente, como se estivesse sem ar.

Assim que ele terminou, ela lhe disse que estava atrasada e precisava ir embora. Perguntou-lhe o nome, queria o telefone. Ou disse que queria, por princípio. Ela não disse nada. Só disse «Ciao!», sem o beijo frio da despedida. Ele demonstrou gostar daquilo. Pareceu aliviado, quando lhe abriu a porta e disse alguma coisa que ela já não ouviu direito.

Durante los largos minutos en que secaba el cabello, pensaba en lo que podía hacer. Ya no quería quedarse toda la tarde ahí, esperando a que él regresara hasta la noche, después del juego, la cerveza y la carne asada. Se alistó, se peinó bien, como si los defectos que veía fueran evidentes para los demás y tuviera que disfrazarlos.

Entró en el carro aún sin saber para dónde iba. Terminó en el centro comercial, viendo las vitrinas sin interés.

Tomó un helado —con sentimiento de culpa porque iba a engordar— y fue a la planta baja, donde había estacionado el carro.

Del lado opuesto, un hombre venía caminando en zigzag intentando encender un cigarro. Parecía guapo de lejos, con un saco de buen corte y la corbata flotando por el viento. Ella paró y se le quedó mirando. Cuando él la vio, parecía un poco apenado. Después sonrió. Como ella no dejó de mirarlo, a pesar de hacer un movimiento para entrar al carro, él se aproximó y dijo: «Hola». Ella sonrió. Tal vez él la consideró bonita, pues preguntó si ya se conocían. Ella dijo que no, pero siempre era un buen momento para hacerlo. ¿O no opinaba lo mismo?

Regresaron al centro comercial, vieron aleatoriamente las vitrinas, y ella, para acompañarlo, tomó otro helado. Entonces él le preguntó si no quería ir a su casa a escuchar música. Era la segunda vez que se le lanzaba. Tan humildemente que ella se atacó de la risa. Él también se reía, y solamente se puso serio cuando ella puso la mano sobre la de él y dijo «Claro, ¿por qué no? Te vas adelante y te sigo en mi carro».

Tal vez ella sabía lo que estaba haciendo. Por lo menos parecía decidida. Él le preparó un jugo, puso un disco y se sentó a su lado, en el sofá. La forma en que la miraba era una mezcla de cosas. Cuando empezaron a acariciarse, ella se dio cuenta de que temblaba de excitación y que le estaba repitiendo que no iban a hacer nada sin preservativo. Cuando, finalmente, aún con parte de la ropa puesta, él se colocó el preservativo, ella se desvistió respirando ansiosamente.

Antes de que él se le pusiera encima, ella se puso de cuatro, y fue así como lo hicieron la primera vez. Con el rostro hacia el suelo y las manos extendidas hacia adelante, ella quedó prácticamente inmóvil mientras él la empujaba con el cuerpo hacia adelante y la jalaba por las caderas hacia atrás.

Después, sobre ella, cuando terminaba por segunda vez, él se dio cuenta de que ella no tenía expresión alguna. Sólo respiraba profunda y rápidamente, como si estuviera sin aire.

Cuando él terminó, ella le dijo que estaba atrasada y necesitaba irse. Le preguntó su nombre, quería su teléfono; en principio quería eso. Ella no le dijo nada. Sólo dijo «Adiós», sin el beso frío de la despedida. A él le gustó eso. Pareció aliviado cuando le abrió la puerta y dijo algo que ella ya no escuchó.



Voltando para casa, ela logo se enfiou no banho. Quando se enxugava, percebeu que não tinha gostado da cor, afinal. Por isso pintou de novo o cabelo, experimentando a tinta mais escura que alguém lhe dissera que ressaltaria a cor dos olhos.

«Não é um dia comum», pensou, ao ouvir o barulho da porta e logo, perto de si, a voz do marido que voltava tão cedo. Desligou o secador. «Ainda pintando os cabelos, querida?», ele disse. Ela explicou que era já a segunda vez, pois a primeira tinta não prestava.

Ele a abraçou por trás, beijou-a no pescoço e disse: «Que tal se a gente fosse jantar fora, hoje? Faz tanto tempo que não tiramos um tempo só pra nós». Ela se virou, sorrindo. Achava ótima a idéia. Sentiu que ele estava excitado.

Começou a beijá-lo e sentiu que ele a levantava do chão e a carregava para a cama. Rapidamente, como nos filmes, ele tirou o abrigo, descalçou os tênis e se lançou sobre ela. Enquanto observava a intensidade do prazer dele, foi sendo tomada por uma imensa ternura. Quando ele terminou, e ficou relaxado sobre ela, acariciando-lhe as costas perguntou-lhe se ele sabia que ela o amava muito. Ele respondeu que sim, enquanto deslizava para o lado e se aninhava, com o rosto ainda sobre o corpo dela. Ela então perguntou se sabia que ela nunca faria nada que o pudesse fazer sofrer. Ele disse um outro sim, já mole de sono e de prazer. E enquanto ele adormecia, ela continuou repetindo, ainda por um bom tempo: «Nunca, meu amor, nunca».



Detalle de la serie *La ardida y yo* (2004). Lápiz graso y tinta sobre papel: Layla Cora.

Regresando a casa, ella inmediatamente se bañó. Cuando se secaba, percibió que no le había gustado el color. Por eso se pintó de nuevo el cabello, probando un tinte más oscuro que alguna vez alguien le dijo que resaltaría el color de sus ojos.

«No es un día común», pensó al oír el ruido de la puerta, y luego, cerca de ella, la voz de su marido que regresaba temprano. Desconectó la secadora. «¿Todavía tiñéndote el cabello, querida?», dijo él. Ella le explicó que ya era la segunda vez, puesto que el primer tinte no se fijó bien.

Él la abrazó por detrás, la besó en el cuello y le dijo: «¿Qué tal si salimos a cenar hoy?, Hace mucho que no tenemos un tiempo para nosotros». Ella se volteó sonriendo. Era una gran idea. Sintió que él estaba excitado.

Comenzó a besarlo y sintió que él la levantaba del piso y la llevaba para la cama. Rápidamente, como en las películas, él se quitó la chamarra, los tenis y se lanzó sobre ella. Mientras observaba la intensidad del placer de él, se sintió invadida por una inmensa ternura. Cuando él terminó y se relajó sobre ella, acariciándole la espalda ella le preguntó si sabía que lo amaba mucho. Él respondió que sí mientras se movía a su lado y se acurrucaba, con la cara todavía sobre el cuerpo de ella. Preguntó entonces si él sabía que ella nunca haría nada que pudiera hacerlo sufrir. Y él dijo otro sí, ya tirado por el sueño y el placer. Mientras él se adormecía, ella siguió repitiendo un buen rato: «Nunca, mi amor, nunca».

DANÇA

Depois que tudo acabou, sentiu um grande alívio. Pôs um cd, e ao ritmo batido da canção, em frente da janela aberta, por onde entrava uma brisa fresca, pôs-se a dançar. Fechando os olhos, abriu os braços e era como se voasse de um canto ao outro, ondulando em frente da janela, enquanto sentia o ar escorrer em volta das mãos.

O espaço da sala, antes tão conhecido, aos poucos se ia conformando ao escuro das formas em que se moviam os seus gestos.

Dançava e pensava que aquele momento de terror, que por tantos anos tentara evitar, ou simplesmente adiar por mais um dia ou dois, era afinal uma espécie de cena desejada.

Cada gesto o levava àquela sensação. Mais do que o raciocínio, era agora o corpo que finalmente lhe falava, em segredo, o que por tanto tempo tinha apenas moldado os hábitos e os pequenos desconfortos de um dia-a-dia que pesava como uma roupa encharcada.

Livre, pensava.

Mas quando parou, arquejante, e se jogou no sofá, era já um outro pedaço que, finalmente, também passava a se fazer ouvir. Vinha agora aquela nova espécie de vazio. Não o de si mesmo, que era a experiência mais freqüente e banal da sua vida de casado. Mas o vazio de um corpo outro, da pele, dos cheiros. Na antecipação do dia em que a voz cristalina não dissesse as frases detestáveis que vão sendo solidificadas desde o café da manhã até ao beijo de boa-noite, em que o perfume dos cabelos e sobre o travesseiro já não seria o mesmo em cada madrugada, sofria. Era um longo túnel em que agora mergulhava. Nas paredes, nenhum desejo. Nenhum desenho tampouco de tudo o que só aparecia como ausência: o gesto descuidado do abraço noturno, o beijo sonolento que consola do pesadelo pressentido, a desordem da mesa do jantar. Todos os pormenores —a faca suja de geléia, as canetas de um modelo preferido, manchas de pasta de dentes sobre a pia do banheiro— eram engolidos pelo escuro, no antevisto vazio que de súbito se apoderava dele e o paralisava.

Foi então que ela entrou e disse alguma coisa sobre a forma como ele tinha dançado a sua dança particular do fim. Sem pensar muito, levantou-se, pôs de novo a mesma melodia e a pegou para dançar.





BAILAR

Después de que todo acabó, sintió un gran alivio. Puso un cd, y al ritmo de la canción, en frente de la ventana abierta, por donde entraba una brisa fresca, se puso a bailar. Cerrando los ojos, abrió los brazos y era como si volara de un rincón a otro, ondeando en frente de la ventana, mientras sentía el aire escurrir alrededor de sus manos.

El espacio de la sala, antes tan conocido, poco a poco se iba construyendo con las formas oscuras en que se movían sus gestos.

Bailaba y pensaba que aquel momento de terror, que por tantos años intentara evitar o simplemente posponer por uno o dos días, era finalmente una especie de escena deseada.

Cada gesto lo llevaba a aquella sensación. Más que el raciocinio, ahora era el cuerpo el que finalmente le decía, en secreto, lo que por tanto tiempo había moldeado los hábitos y los pequeños malestares de una rutina que pesaba como ropa empapada.

Libre, pensaba.

Pero cuando se detuvo, jadeante, y se tiró en el sofá, ya era otra pieza la que se dejaba escuchar. Venía ahora aquella nueva especie de vacío. No de sí mismo, que era la experiencia más común y banal de su vida de casado, sino el vacío de otro cuerpo, de la piel, de los olores. En la anticipación del día en que la voz cristalina no dijera las frases detestables que van siendo solidificadas desde el desayuno, hasta el beso de buenas noches, en que el perfume del cabello sobre la almohada ya no sería lo mismo en cada madrugada, sufría. Era un túnel largo en que ahora estaba sumido. En las paredes, ningún deseo. Tampoco un dibujo de todo lo que sólo aparecía como ausencia: el gesto descuidado del abrazo nocturno, el beso somnoliento que consuela de la pesadilla presentida, el desorden de la mesa del comedor. Todos los pormenores —el cuchillo sucio de mermelada, las plumas de un modelo preferido, manchas de pasta dental sobre el lavabo— eran tragados por la oscuridad, el vacío esperado que de súbito se apoderaba de él y lo paralizaba.

Entonces entró ella y dijo alguna cosa sobre la forma como él había bailado su danza final. Sin pensarlo mucho, se levantó, puso otra vez la misma melodía y la tomó para bailar.



De la serie *La caja de Pandora* (2006). Vinílica sobre papel recortado: Layla Cora.





Girando no meio da sala, ela lhe disse, surpresa, que todos esses anos pensava que ele não sabia dançar. Perguntou-lhe, mesmo, se tinha sido de propósito, ou de maldade, que escondera tanto tempo aquilo. Ele sorria, não tinha sido assim, dizia.

Ela se debruçou docemente sobre o ombro dele, e lá ficaram os dois, num instante suspenso.

Era a primeira vez, de fato, e ele se perguntava também por que dançavam agora de verdade, após os anos todos que viveram juntos. Pensou que talvez fosse porque finalmente, daquela forma, só daquela forma, podia dançar realmente com ela. Não com a situação usual da dança, nem com o desejo dela de dançar. Mas com ela, ambos desarmados, soltos, sem mais nada que perder.

Mas era apenas mais um pensamento confuso, mal delineado. O que contava realmente parecia ser alguma outra coisa. Mas o seu corpo queria dançar, e ele só teve de se entregar novamente ao movimento, à cadência e à brisa que, agora, soprava um pouco mais forte. Não quis, desistiu de perguntar o que seria. E, enquanto a janela passava outra vez na frente dos seus olhos, percebeu que, mesmo que quisesse, não poderia resolver mais nada, nem compreender muita coisa mais.

PONTE

Parou o carro sobre a ponte da represa. Desceram, deu-lhe a mão e a levou para onde a luz do sol quase poente refletisse melhor nos olhos claros. Estava encostado à mureta e olhava para ela. Os olhos verdes.

Pôs as duas mãos em volta do rosto dela, segurou-a assim um momento. Ela se inclinou para a direita, depois para a esquerda. Como se dançasse. Depois, comunicando o movimento do rosto ao resto do corpo, oscilou para um lado e para o outro. Finalmente, forçou um giro pela esquerda, para ficar virada de costas para a luz do sol. Ele cedeu e viu crescer o halo dos cabelos, com os reflexos vermelhos espalhados pelos fios.

De repente, o sol incomodava. Estava já se pondo, tocando a parte mais alta da colina. Ela jogou a mochila no chão. Viu quando ela se ajoelhou e esperou. Ela abriu o zíper. Olhava desde baixo, com um riso safado. Ele esperou até que ela comesse, olhando para os lados, para ver se de fato estava tudo bem.

Girando en el medio de la sala, ella le dijo sorprendida que en todos estos años había pensado que él no sabía bailar. Le preguntó si había sido a propósito o por maldad que lo escondiera por tanto tiempo. Él sonreía; no fue eso, decía.

Ella se inclinó dulcemente sobre su hombro, y los dos se quedaron así, en un instante de suspenso.

Era la primera vez, de hecho, y él también se preguntaba por qué bailaban ahora de verdad, después de tantos años que habían vivido juntos. Pensó que tal vez fuera porque finalmente, de aquella forma y sólo de aquella forma, podía realmente bailar con ella. No como un baile común, ni con su deseo de que ella quisiera bailar. Sino con ella, ambos desarmados, sueltos, sin nada más que perder.

Aunque era sólo un pensamiento confuso, mal dibujado. Lo que contaba realmente parecía ser otra cosa. Pero su cuerpo quería bailar, y él solamente se entregó de nuevo al movimiento, a la cadencia y la brisa que ahora soplaba un poco más fuerte. No quiso, desistió de preguntar lo que sería. Y mientras la ventana pasaba otra vez enfrente de sus ojos, percibió que, incluso si hubiera querido, no podría resolver nada más, ni comprender mucho más.



De la serie *La caja de pandora* (2006). Vindica sobre papel recortado: Layla Cora.

PUENTE

Paró el carro sobre el puente de la presa. Bajaron, le dio la mano y la llevó para donde la luz del sol, casi al oeste, reflejara mejor sus ojos claros. Estaba recargado sobre el barandal y la miraba. Los ojos verdes.

Puso ambas manos alrededor de su rostro, la tuvo así un momento. Ella se inclinó hacia la derecha, después a la izquierda. Como si bailara. Después, comunicando el movimiento del rostro al resto del cuerpo, osciló para un lado y para el otro. Finalmente forzó un giro por la izquierda para quedar de espaldas a la luz del sol. Él cedió y vio crecer el halo de los cabellos, los reflejos rojos extendidos por los hilos.

De repente el sol era incómodo. Era la puesta del sol tocando la parte más alta de la colina. Ella tiró la mochila al suelo. Él vio cuando ella se arrodilló y esperó. Ella abrió el cierre. Veía desde abajo con una risa traviesa. Él esperó hasta que ella comenzara, mirando hacia los lados, para ver si de hecho todo estaba bien.

Começou. O seu olhar ia passeando pela superfície da água. A sombra das nuvens, o reflexo da colina, a grande extensão das ondulações tingidas de vermelho pelo sol poente.

Mais adiante, as casas da orla eram pequenas manchas brancas, adormecidas na modorra. Os pássaros cantavam. A brisa começava a ficar mais fria.

Olhou para ela. O nariz reto, a pele bem branca, as pequenas veias azuis ao longo dos braços e do pescoço. A sobranceira fina. Ela continuava, com os olhos fechados, com a luz do sol avermelhando mais ainda os fios finos dos cabelos. Não fazia rápido. Não tinha pressa e parecia agora inteiramente alheia, concentrada.

Ele sentia a ondulação dos sentidos, a tensão acumulada nos tendões das pernas, que fraquejavam, e depois se dissolvia ao longo da espinha, voltando a concentrar-se nos pontos em que sentia a pressão da boca, dos dentes, e o movimento da língua.

Voltou a olhar para o lençol de água, percorreu o horizonte com a vista, de uma ponta a outra. Tudo parecia absorvido agora, contido no torpor tenso que ia envolvendo cada músculo. Olhou novamente para ela e lhe disse, enquanto passava a mão pelos seus cabelos, que já não brilhavam tanto, com o sol se pondo: «Não abra os olhos, ok? Não abra os olhos!»

Quando sentiu que chegava a hora, esticou os braços, separou bem os dedos das mãos, sentindo passar entre eles a brisa já fria do começo da noite.

Quando relaxou, ela estava, como lhe havia pedido, ainda de olhos fechados. Tinha sentado inteiramente sobre os calcanhares e mantinha a cabeça abaixada, como nas gravuras japonesas.

Sentado ao seu lado, puxou-a contra si, ainda em silêncio. Ela inclinou-se, deitou-se sobre ele, que a abraçou. Já fazia frio. Ela abriu a mochila, apanhou uma blusa, que puxou para cima do seu corpo. Ele se aconchegou, enfiou as mãos embaixo do agasalho e inclinou a cabeça para trás. No céu, do lado oposto, apagavam-se os últimos reflexos do sol poente.

Empezó. Su mirada iba paseando por la superficie del agua. La sombra de las nubes, el reflejo de la colina, la gran extensión de las ondulaciones teñidas de rojo por el sol del poniente.

Más adelante, las casas de la orilla eran pequeñas manchas blancas adormecidas en el sopor de la tarde. Los pájaros cantaban. La brisa empezaba a estar más fría.

La miró: nariz recta, la piel muy blanca, las pequeñas venas azules a lo largo de los brazos y del cuello. La ceja delgada. Ella continuaba con sus ojos cerrados, con la luz del sol enrojeciendo aún más los delgados hilos de su cabello. No lo hacía rápido. No tenía prisa y estaba enteramente ajena, concentrada.

Él sentía las ondulaciones de los sentidos, la tensión acumulada en los tendones de las piernas, que flaqueaban, y después se disolvía a lo largo de la espina, volviendo a concentrarse en los puntos en que sentía la presión de la boca, de los dientes y el movimiento de la lengua.

Volvió a mirar hacia la superficie del agua, recorrió el horizonte con la mirada, de una punta a otra. Todo parecía absorto ahora, contenido en el entumecimiento tenso que iba envolviendo cada músculo. La vio nuevamente y, mientras pasaba la mano por su cabello, le dijo que ya no brillaban tanto cuando el sol se ponía: «No abras los ojos, ¿ok? ¡No abras los ojos!».

Cuando sintió que llegaba la hora, estiró los brazos, separó bien los dedos de las manos, sintiendo pasar entre ellos la brisa ya fría del comienzo de la noche.

Cuando se relajó, ella estaba como él había pedido, aún con los ojos cerrados. Se había sentado totalmente sobre los talones y mantenía la cabeza agachada como en las pinturas japonesas.

Sentado a su lado, la jaló hacia sí, aún en silencio. Ella se inclinó, se acostó sobre él, que luego la abrazó. Ya hacía frío. Ella abrió la mochila, agarró una blusa que puso encima de su cuerpo. Él se acomodó, metió las manos adentro del abrigo e inclinó la cabeza para atrás. En el cielo, del lado opuesto, se apagaban los últimos reflejos de la puesta del sol.



De la serie *La ardida y yo* (2004). Lápiz graso y tinta sobre papel: Layla Cora.

SOFÍA SOARES. Estudió Letras Latinoamericanas en la Universidad Autónoma del Estado de México (UAEM), México, y es soprano egresada del Conservatorio de Música del Estado de México. Ha trabajado como correctora de estilo y traductora en numerosos proyectos de investigación de la UAEM. Ganó el segundo lugar del “Primer concurso de ensayo, poesía y cuento corto” del Estado de México en 2006. Actualmente es correctora de estilo en el Consejo Editorial de la Administración Pública Estatal, México.